

Porto Alegre , 14 de novembro .

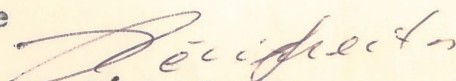
Caro professor : Não posso me abster de algumas linhas a propósito do seu artigo do último sábado , "Contrabandistas e Flibusteiros " . Embora curto e sucinto , o artigo me parece enormemente importante . Em síntese , a tese é esta : o contrabandista ajudou a quebrar o monopólio colonialista ; madrugou na luta pela liberdade de comércio , base do capitalismo liberal ; foi o primeiro propugnador pela liberdade do Novo Mundo .

O argentino Puiggros demonstrou , em alguns de seus livros , que o contrabando era o oxigênio dos povos do Novo Mundo , e que sem o contrabando aqueles povos morreriam à míngua , sufocados pelo monopólio . Contudo , Puiggros não tirou todas as ilações desta constatação . Não sei se alguém já chegou às mesmas conclusões do seu artigo (não domino a bibliografia sobre o assunto) ; para mim , são absolutamente originais . A tese do artigo abre , a meu juízo , perspectivas as mais fecundas para a compreensão do processo histórico da emancipação política do Novo Mundo . No mínimo , é matéria para todo um livro . Que eu saiba , não há nenhum estudo sistemático e abrangente sobre o papel econômico , social e político do contrabando no Novo Mundo . Parece que no geral se continua a encarar o contrabando apenas como uma atividade criminosa (o que também era , sem dúvida) , sem ver o significado histórico . No que diz respeito à formação histórica do Rio Grande , cabe perguntar : é possível compreendê-la sem levar em conta o papel do contrabando ?

Como disse , a tese é matéria para um livro . Já não lhe peço um livro , mas , pelo menos , um novo artigo no qual a tese seja ainda mais desenvolvida .

Como estudioso da história , sinto necessidade de lhe agradecer a contribuição que seu artigo representa .

Aceite um forte abraço de


Décio Freitas

Feliz da Cunha, 786, apt.
305